

**A HISTÓRIA COMO ESPERANÇA: POR UMA HISTÓRIA  
LIBERTADORA INSPIRADA EM PAULO FREIRE**

***HISTORY AS HOPE: FOR A LIBERATING HISTORY  
INSPIRED BY PAULO FREIRE***

Joina Freitas Borges<sup>1</sup>

João Batista de Albuquerque Figueiredo<sup>2</sup>

**RESUMO**

Inspirado a partir de algumas categorias e conceitos de Paulo Freire, este trabalho reflete sobre a produção de uma história libertadora, destinada não apenas à produção historiográfica e ao ensino das disciplinas históricas, mas também à nossa reflexão enquanto agentes diante de um momento histórico tão repleto de retrocessos. Alguns conceitos freireanos foram tensionados, visto que, ao autor, a dimensão humana só é realizável enquanto consciência histórica, sendo assim, a pedagogia de Paulo Freire sempre está conectada à história. “Dizer a sua palavra”, máxima da pedagogia do autor, implica em dizer a sua história, e significa assumir a condição de sujeito de transformação e, nesta condição, a história só pode operar como devenir, como potência de mudança. A consciência da condição de sujeito histórico permite, a este, historicizar o mundo, conceito que aproximamos da objetivação do mundo, proposta pelo autor. Freire preconizava que a consciência de si, partia do próprio corpo, e ao situar o “corpo molhado de história” nos possibilita pensar o corpo como primeiro lugar de acontecimento histórico, corpo historiado e oprimido que necessita ser libertado. Ao fim, uma circularidade: essa história libertadora se converte em uma história como esperança, visto que, ao criar a capacidade de transformação, liberta.

**Palavras-chaves:** história libertadora; Paulo Freire; história esperança.

---

<sup>1</sup> Professora associada da Universidade Federal do Piauí, lotada no Curso de Arqueologia. Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense - UFF, Pós-doutoranda em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará. e-mail: [joinaborges@hotmail.com](mailto:joinaborges@hotmail.com).

<sup>2</sup> Professor titular, com doutorado em ciências e pós doutorado em educação e pós-doutorado sênior em Educação Dialógica. – Fortaleza – CE - Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Ambiental Dialógica, Perspectiva Eco-Relacional e Educação Popular Freireana - GEAD. e-mail: [joaofigueiredo@ufc.br](mailto:joaofigueiredo@ufc.br).

## ABSTRACT

*Inspired by some categories and concepts of Paulo Freire, this work reflects the production of a liberating history, destined not only to historiographical production and the teaching of historical disciplines, but also to our reflection as agents in the face of an historical moment full of several setbacks. Some freirean concepts were emphasized, since, to the author, the human dimension can only be reached as historical consciousness, consequently, Paulo Freire's pedagogy is always connected to history. "Say your word", the maxim of Freire's pedagogy, implies telling your story. It means to assume the condition of subject of transformation, and in this condition, history can only operate as becoming, as the power of change. Awareness of the condition of the historical subject allows him to historicize the world, a concept that we approach to the objectification of the world, proposed by the author. Freire affirmed that self-awareness, departed from the body itself, and situating the "body soaked with history" allows us to think about the body as the first place of historical event, an historated and oppressed body that needs to be freed. In the end, a circularity: this liberating history becomes a history of hope, because, creating the capacity of transformation, frees.*

**Keywords:** liberating history; Paulo Freire; hope history.

## INTRODUÇÃO: TEMPOS DE MAIS PAULO FREIRE

Não sou esperançoso por pura teimosia, mas por imperativo existencial e histórico.  
(Paulo Freire em Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido).

12

Falar de Paulo Freire, freireanamente, só é viável a partir do nosso contexto de fala. É que Freire defendia a nossa historicidade enquanto gente *da* e *na* história, preconizando o espaço-tempo da fala.

Em tempos de exacerbação de discursos fascistas; de perseguição a cientistas, intelectuais, professores; em tempos de desmonte de políticas educacionais; e de pandemia global, como os tempos pelos quais passamos, Paulo Freire é mais necessário do que nunca. Junto ao geógrafo Milton Santos, Freire está entre os intelectuais brasileiros mais respeitados e citados mundialmente. Nordestinos do interior, Milton negro, ambos enfrentaram muitos obstáculos advindos do preconceito e do racismo, e como ferrenhos críticos ao capitalismo, continuam como alvos frequentes de discursos político-autoritários que rondam assustadoramente não apenas o Brasil, mas também o cenário internacional.

Paulo Freire e sua obra têm sido muito perseguidos e difamados na atualidade brasileira, sobretudo, porque Paulo pregava uma educação para a libertação dos oprimidos e oprimidas. Defender ideias de libertação das massas é ameaçador demais para as políticas neoliberais e para o fundamentalismo cristão que assumiram altas instâncias de poder no governo de Jair Bolsonaro, e ainda conquistaram muitas cadeiras no Congresso Nacional do Brasil, nas eleições de 2022. Para aqueles que se autodeclaram conservadores, convém manter os oprimidos nos “seus lugares”, assim as ideias de Paulo Freire são encaradas como uma grande ameaça, pois elas libertam.

Educar para pensar e criticar, e não apenas para obedecer e disciplinar, é perturbador para aqueles que precisam de um exército de reserva de mão-de-obra, refletido no elevado índice de desemprego que temos agora; é também intimidador para aqueles que necessitam de um rebanho pronto para ser abatido em sacrifício da manutenção do *status quo*, ou da economia: como observamos por ocasião da pandemia causada pela Covid-19, nas discussões sobre a enganosa antinomia entre a salvar a vida das pessoas ou causar uma recessão econômica - um falso dilema visto que não existe economia sem pessoas. Ou seja, aqueles que querem manter o “rebanho”, que querem manter o exército reserva de mão-de-obra, querem manter a desigualdade econômica entre os que são mais ricos e os que são mais pobres, e uma das maneiras é através de uma educação bancária, uma educação disciplinadora que limita a criatividade, a ação e a visão das pessoas como agentes da própria história: Estrutura econômica e superestrutura ideológica, diria o velho Marx, são duplamente ameaçadas pela educação libertadora.

Paulo Freire, e Milton Santos também (apesar de não nos debruçarmos sobre a obra do segundo), sendo extremamente críticos, eram, sobretudo, esperançosos porque sabiam que as pessoas, os grupos, as classes, quaisquer que sejam as categorias utilizadas, eram MAIS<sup>3</sup> do que ditava o fator econômico. Sendo ambos influenciados pelo marxismo, repudiavam o determinismo, pois pensavam um “outro mundo possível”, como dizia Milton Santos, e sonhavam com a utopia da construção de um mundo melhor, feito a partir do despertar

---

<sup>3</sup> Utilizamos essa palavra em caixa-alta em virtude de que Paulo Freire sempre destacava o “SER MAIS” sua obra *Pedagogia do Oprimido* (1977).

daqueles que estavam encobertos pelo véu da ideologia dominante da opressão, como argumentava Paulo Freire.

Paulo era movido pela esperança e, nesse sentido, é muito significativo que uma de suas últimas obras se chame *Pedagogia da Esperança* (1992). A esperança, contudo, não pode ser confundida com espera, adequação e acomodação, como ele afirmava recorrentemente. Ela traduz-se na luta. E uma educação para esperança é uma educação para a libertação, caso contrário, se transforma em adestramento.

Os retrocessos que sofremos nos últimos anos na educação brasileira, especialmente nos anos de governo Bolsonaro, com cortes nas verbas destinadas a educação, com a crescente desvalorização de professores e pesquisadores da área de humanas, inclusive desvalorização exortada em falas do próprio ministro da educação, encontram oposição na esperança de governos mais comprometidos com a educação inclusiva, com a cultura, com as diversidades, e que, portanto, permitam uma educação mais libertadora.

Assim, Paulo Freire é mais atual e necessário do que nunca, não apenas porque nos dá ferramentas teórico-metodológicas para a efetivação de uma educação contextualizada crítica e desveladora, mas porque nos enche da boa esperança da luta: “(...) O essencial (...) é que ela [a esperança], enquanto necessidade ontológica, precisa de ancorar-se na prática. Enquanto necessidade ontológica a esperança precisa da prática para tornar-se concretude histórica” (FREIRE, 1997, p. 5).

Uma das potências de nos reconhecermos seres históricos é exatamente a de percebermos que somos seres fazedores da história, de que somos capazes e qualificados para mudarmos o que precisa de mudança, transformarmos o que requer transformação. O papel de educadores de fomentar esse reconhecimento nas disciplinas históricas é imprescindível, portanto, para uma educação libertadora.

Neste trabalho, tecemos considerações sobre a produção de uma história libertadora, a ser trabalhada tanto nas salas de aula, como nas produções historiográficas, inspirada a partir de algumas categorias e perspectivas apontadas por Paulo Freire. Nessa direção, Simon e Pagès (2016) ao analisar a obra de Paulo Freire e o ensino de história e salientarem as contribuições da obra de Paulo Freire para a formação da cidadania, afirmam que os

interlocutores mais próximos dele, diziam que ele pedira para que sua obra fosse reinventada e não apenas reproduzida. Neste artigo, procuramos fazer isso tensionando conceitos: história como palavra-falada; história devenir; “corpo molhado de história” (das obras *Pedagogia da Esperança* e *Por uma Pedagogia da Pergunta*); e história esperança, a partir do pensamento freireano, para chegarmos a uma história libertadora.

Assim, construímos este pequeno ensaio “molhades, de esperança” (FREIRE, 1997, p. 8) no fazer de uma história de luta, mais do que necessária à nossa realidade atual.<sup>4</sup>

## 1. A HISTÓRIA COMO PALAVRA-FALADA E COMO DEVENIR

“Dizer a sua palavra” é uma das principais categorias freireanas. Significa a apropriação da nossa condição humana a partir da conscientização crítica de que somos autoras e autores históricos e, sendo assim, somos capazes de ter a nossa “palavra falada”. Significa recuperar a autonomia de nossas vidas, daqueles que nos roubaram “a palavra” (não apenas a capacidade de falar, mas também de agir), através do trabalho comprado, da opressão desumanizante, da alienação ontológica produzida pela invasão cultural<sup>5</sup> (FREIRE, 1977).

---

<sup>4</sup> Em *Pedagogia do Oprimido*, acaba sendo opressora, para as leitoras principalmente, a palavra “Homem”, tantas vezes utilizada no sentido de humanidade. Paulo Freire, apesar de ser um homem à frente do seu tempo, não conseguiu fugir a todos condicionamentos que nos são impostos culturalmente, economicamente e socialmente, logo, linguisticamente também, porém, consciente de sua natureza inacabada, como ele defendia, corrigiu este problema em trabalhos posteriores. Em *Pedagogia da Esperança* (1992, p. 34-35), comentou sobre a “linguagem machista” e pelo problema ideológico da questão na *Pedagogia do Oprimido*, desculpando-se, portanto: “[...] A recusa à ideologia machista, que implica necessariamente a recriação da linguagem, faz parte do sonho possível em favor da mudança do mundo. Por isso mesmo, ao escrever ou falar uma linguagem não mais colonial eu o faço não para agradar a mulheres ou desagradar a homens, mas para ser coerente com minha opção por aquele mundo menos malvado de que falei antes”. Neste trabalho procuraremos usar as palavras “pessoas”, “gente” por serem femininas e mais coloquiais, para justamente nos aproximarmos do discurso das lutas feministas e sociais em geral. Como disse Pilar del Rio em relação a “presidenta”: “a palavra não existia porque não existia a função” (Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=G7W6ainaOhs>), tomaremos a liberdade de usar neologismos e recursos como o “e” para minimizar o peso do patriarcado em nossa escrita: Imaginemos que se as mulheres não eram vistas sequer como capazes, como seriam aceitas como sujeitAs históricas?

<sup>5</sup> “Desrespeitando as potencialidades do ser a que condiciona, a invasão cultural é a penetração que fazem os invasores no contexto cultural dos invadidos, impondo a estes sua visão de mundo, enquanto lhes freiam a criatividade, ao inibirem sua expansão. Neste sentido, a invasão cultural, indiscutivelmente alienante, realizada maciamente ou não, é sempre uma violência ao ser da cultura invadida [...]” (FREIRE, 1977, p. 178).

A palavra falada é capaz de ser re-existenciada, e sendo palavra verdadeira é práxis, é transformadora do mundo (FREIRE, 1977). A história libertadora é como a palavra falada. De acordo com Wentz (2015, p. 260, tradução nossa): “A partir da visão de Freire, História não está associada somente a um tempo cronológico ou a determinados acontecimentos, senão à transformação social, entendida como processo histórico no qual a objetividade e a subjetividade se entrelaçam de maneira dialética”.<sup>6</sup>

A obra de Paulo Freire é preta de história e a sua concepção nos convida a transmutar o mundo, pois a história, somente enquanto discurso crítico apropriado, tem o poder de transformar a realidade. A história colonializada, a história oficial, a história acrítica, ao contrário, não pode ser apropriada pelas pessoas em geral, visto que estas são colocadas como se estivessem à margem da História (ou mesmo são invisibilizadas ou subalternizadas), então essa História (que pretende-se a Verdade oficial) não funciona como palavra falada, mas sim como discurso disciplinador que remete os sujeitos históricos aos reles papéis de agentes passivos dos fatos.

Como exemplo de efeito da “palavra falada”, que podemos aplicar na realização de uma história libertadora, Freire (1992, p. 20, grifos do autor) apresenta o poder de “[...] dizer a sua palavra [...]” [dizer a sua história] quando os camponeses realizavam a análise de suas realidades:

[...] O tempo sem limite que pareciam precisar para amainar a necessidade de dizer a sua palavra. Era como se, de repente, rompendo a “cultura do silêncio”, descobrissem que não apenas podiam falar, mas, também, que seu discurso crítico sobre o mundo, seu mundo, era uma forma de refazê-la [sic]. Era como se começassem a perceber que o desenvolvimento de sua linguagem, dando-se em torno da análise de sua realidade, terminasse por mostrar-lhes que o mundo mais bonito a que aspiravam estava sendo anunciado, de certa forma antecipado, na sua imaginação [...].

Uma história libertadora também tem esse poder de “palavra falada”, pois ao olharmos para o passado e enxergarmos não apenas as ações dos dominadores, mas observarmos o

---

<sup>6</sup> Texto original: “A partir de la visión de Freire Historia no está asociada solo a un tempo cronológico o a determinados acontecimientos, sino a la transformación social, entendida como proceso histórico en el cual la objetividad y la subjetividad se entrelazan de manera dialéctica”.

agenciamento de todas e todos na história, e entendermos o papel preponderante daquelas e daqueles que foram oprimidos<sup>7</sup>, marginalizados, subalternizados, invisibilizados, também percebemos esse “mundo mais bonito”, que pode ser construído com as nossas próprias mãos.

*A história como palavra falada* não é apenas a história lida e analisada, muito menos decorada, mas é a história apropriada. É a história repleta de presente, é aquela onde o sujeito *se olha e se enxerga* no servo explorado do medievo europeu; é aquela onde a menina não apenas entende a invisibilização das mulheres nos livros didáticos como prática do patriarcado, mas vai além e desvela, revela e ilumina suas ancestrais e suas irmãs atuais na militância por um mundo mais justo.

*A história como palavra falada* só existe se sentida na pele, se experienciada e vivida. Assim como dizer a sua palavra rompe com a cultura do silêncio daqueles que são oprimidos, dizer a sua história rompe com a história dos heróis, com a história oficial, com a história colonializada e colonializadora. Para romper com a história que vem de fora, que nos diz quem somos e para onde devemos ir, a partir de referenciais eurocêntricos, notadamente, é necessário sentir primeiro o sabor da própria história, não como algo longe no tempo e no espaço, mas como produto no aqui e agora. Aí, então, é possível dizer a própria história: Eu como produto e sujeito históricos, minha vida como produto histórico, minha cultura como produto histórico.

Só a partir desse sentir a história como indivíduos e como grupos, nós, como sujeitos, teremos como dizer a própria história. Esta, então, transforma-se na palavra falada de Freire, quando conseguimos entender que é daqui e agora, do presente, que temos que partir para compreender as conexões com o passado.

Nada está solto na trama histórica: A história dos egípcios é a das primeiras mulheres e homens explorados através do trabalho servil pelo Estado; a dos romanos está entre as primeiras invasões culturais de um Estado imperialista sobre diversos povos; e a das chamadas “Grandes” navegações é a do início da globalização do capital... tudo isso ainda está muito próximo e presente: exploração, imperialismo e globalização.

---

<sup>7</sup> Neste artigo utilizamos a linguagem neutra de forma política, apesar de gramaticalmente não existir na língua portuguesa.

Apesar das diferenças, apesar das especificidades, as diferentes histórias que aconteceram neste globo, quando não nos atingem como resultado, servem-nos como exemplo: somos todos seres humanos nas mais diferenciadas e parecidas experiências, alguns com incríveis privilégios, outros e outros com enormes desvantagens sociais, mas todos dentro da mesma nave Terra (a pandemia provocada pela Covid-19 nos mostrou isso): só que alguns poucos viajam na primeira classe e a extensa maioria nos porões.

Portanto, assim como a partir da leitura do mundo particular se dá uma leitura mais crítica da palavra, o sentir da própria história é que irá proporcionar uma melhor compreensão da história no sentido geral:

[...] a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele [...] De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescreve-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente” (FREIRE, 1989, p. 13, grifos do autor).

De acordo com Fiori (1977, p. 15): “[...] Dizer a sua palavra equivale a assumir conscientemente, como trabalhador, a função de sujeito da sua história [...]”. A alfabetização, para Freire, não acontece sem a conscientização do lugar no mundo, portanto, “dizer a sua palavra” significa dizer a sua história, estar consciente de sua historicidade.

Em *Pedagogia do Oprimido*, Freire (1977) nos presenteia com um olhar otimista para a história, justamente porque, em primeiro lugar, seres humanos, são, para ele, sujeitos históricos. Nossa existência só é possível dentro da história e quando acordamos para o fato de que somos nós, as pessoas comuns, que fazemos a história, nós nos tornamos cientes de que transformar a realidade é nossa vocação ontológica.

Para Freire, essa vocação ontológica de seres humanos é para o SER MAIS. A humanização assim como a desumanização são processos que acontecem dentro das conjunções históricas. Humanizar-nos é, sobretudo, conscientizar-nos da nossa condição de seres inacabados e “sujeitos de decisão” para cientes de tais condições, buscarmos, perguntarmos, dizermos a nossa palavra e, desta forma, transformarmos o mundo. A

desumanização, ao contrário, é a impossibilidade de SER MAIS, “[...] negada na injustiça, na exploração, na opressão, na violência dos opressores [...]” (FREIRE, 1977, p. 30). Assim, se SER MAIS é a vocação humana, transmutar a realidade, logo mudar a história, é nossa vocação ontológica.

De acordo com Freire (2019, p. 19): “[...] Não podemos nos assumir como sujeitos da procura, da decisão, da ruptura, da opção, como sujeitos históricos, transformadores, a não ser assumindo-nos como sujeitos éticos [...]”. Freire (idem, p. 19-20, grifos do autor) prega uma “ética universal” humana como única possibilidade de conviver socialmente, logo, historicamente:

Na verdade, falo da ética universal do ser humano da mesma forma como falo de sua vocação ontológica para o *Ser Mais*, como falo de sua natureza constituindo-se social e historicamente não como um *a priori* da história. A natureza que a ontologia cuida se gesta socialmente na história. É uma natureza em processo [...]. Quer dizer, mais do que um ser no mundo, o ser humano se tornou uma presença no mundo, com o mundo e com os outros [...].

Para fazer a nossa própria história e assim nos libertarmos das condições de opressão, além de compreender a nossa vocação de sujeitos históricos, temos também que compreender que a história muda, que não é um dado determinado. O olhar otimista de Paulo Freire, esperançoso, dá forças para a ação, a transformação: “Gosto de ser gente porque a história em que me faço com os outros e de cuja feitura tomo parte é um tempo de possibilidades, e não determinismo. Daí que insista tanto na *problematização* do futuro e recuse a sua inexorabilidade” (FREIRE, 2019, p. 52, grifos do autor).

Freire pensa a realidade como processo em constante devir. Sendo assim, pensar o tempo histórico como um “peso”, como “algo estático” faz parte de um “pensar ingênuo” de um sujeito que vê o hoje “normalizado”. A história sendo fruto da ação humana é constante *devenir* (FREIRE, 1977), é mudança, é transformação.

Há um trabalho, um investimento dos “dominadores”, daqueles que na maioria das vezes aparecem como os únicos sujeitos da história, em “endoutrinar”, “adaptar” (idem, p. 99), “domesticar” (idem, p. 83) as pessoas oprimidas, subalternizadas, à uma realidade

histórica mistificada, tida como inexorável, imutável. É assim que os opressores alimentam a ideia de uma História Universal, com um sentido único (de raiz hegeliana), e indefectível como se as coisas tivessem uma ordem natural, gerando, desta forma, uma visão de mundo fatalista. A visão fatalista é paralisante, visto que, sem esperança para onde ir e de como agir, as pessoas simplesmente se acomodam à realidade, mesmo quando adversa.

Essa história fatalista é “[...] que nos castiga quando não aproveitamos a oportunidade ou quando simplesmente a inventamos na nossa cabeça, sem nenhuma fundação nas tramas sociais” (FREIRE, 1992, p. 87).

Na história como palavra falada, ao contrário, as pessoas tendo consciência de seu lugar de fala, têm consciência de sua historicidade, de sua capacidade como criadores da própria história.

## **2. HISTORICIZANDO O MUNDO A PARTIR DA NOSSA PRÓPRIA HISTÓRIA: COM O CORPO MOLHADO DE HISTÓRIA**

Conforme Moretti (2015, p. 262, tradução nossa), historicidade se trata de uma “qualidade do ser histórico”, e “[...] Paulo Freire considera que uma das bonitezas de nossa maneira de estar no mundo e com o mundo, como seres históricos, é nossa capacidade de conhecê-lo [...]”<sup>8</sup>.

De acordo com o professor Fiori (1977, p. 10), em Paulo Freire, a consciência humana é “consciência no mundo” e essa consciência é uma consciência histórica, por isso, “[...] objetivar o mundo é historicizá-lo [...]”.

Para Freire, a condição de “objetivar” o mundo, de desnaturalizá-lo, é reflexivamente a capacidade de historicizar o mundo. A capacidade das pessoas de contar a sua história ao mesmo tempo que as torna capazes de entender que o mundo é produto dessa história, torna-as capazes também de mudar a própria história. Assim, cria-se um círculo virtuoso: ao tempo que mudam a própria história as pessoas tomam consciência de que são resultado dela e vice-

---

<sup>8</sup> Texto original: “[...] Paulo Freire considera que una de las bonitezas de nuestra manera de estar en el mundo y con el mundo, como seres históricos, es nuestra capacidad de conocerlo [...]”.

versa. Isto gera uma libertação, por isso, o mundo não é apenas “espetáculo”, mas sim, constante provocação, provoca AÇÃO! (FIORI, 1977, p. 10).

Quando os seres humanos se compreendem como consciência histórica, passam a ser consciência historiadora. E neste ponto gostaríamos de ressaltar a importante contribuição do pensamento freireano para a realização de educandos como sujeitos históricos.

Salientar o processo de conscientização da agência histórica não é tarefa nova para historiadores e professores de história, no entanto, sem a consciência política do lugar do mundo, sem a consciência da vocação do SER MAIS de que fala Freire (1977), sem uma descolonização de valores, a noção de “sujeito histórico”, no masculino porque ainda patriarcal, é uma noção vazia de ação, de transformação do mundo e da própria realidade, o que é contraditório à noção de sujeito: como se é sujeito e não se muda a própria condição?

Como fazer história conscientizando educandos da sua condição de sujeitos históricos sem trabalhar a ação transformadora da história? Que sujeito é esse que se sabe com poder transformador, mas não transforma? Que história é essa que olha para o passado desconectada do presente e do futuro? Desconectada do poder de transformação de agentes históricos?

Pensar sujeitos históricos no passado e não conectá-los aos sujeitos na atualidade, assim como trabalhar o agenciamento dos indivíduos na história e não os auxiliar no autoprocesso de libertação no presente, é contraproducente.

Enquanto as pessoas vivem sob situações opressoras, elas são desumanizadas, alienam-se da sua própria condição humana de serem autônomas, críticas, produtoras da sua historicidade. “A desumanização [...] é a distorção da vocação do SER MAIS. É distorção possível na história, mas não vocação histórica [...]” (FREIRE, 1977, p. 30, grifos do autor).

Na ontologia freireana, ser humano é SER MAIS, é transcender, é mudar a história, e quando as pessoas vivem sob condição de opressão, elas são desumanizadas, posto que perdem sua capacidade de transformação:

[...] a desumanização, mesmo um fato concreto na história, não é porém, *destino dado*, mas resultado de uma ‘ordem’ injusta que gera a violência dos opressores e esta, o *ser menos* [...] (FREIRE, 1977, p. 30, grifos do autor).

É importante insistir em que, ao falar do "ser mais" ou da humanização como vocação ontológica do ser humano, não estou caindo em nenhuma posição fundamentalista, de resto, sempre conservadora. Daí que insista também em que esta "vocação", em lugar do ser algo a priori da história é, pelo contrário, *algo que se vem constituindo na história*. Por outro lado, a briga por ela, os meios de levá-la a cabo, históricos também, além de variar de espaço-tempo a espaço-tempo, demandam, indiscutivelmente, a assunção de uma utopia. A utopia, porém, não seria possível se faltasse a ela o gosto da liberdade, embutido na vocação para a humanização. Se faltasse também a esperança sem a qual não lutamos (FREIRE, 1992, p. 51, grifos nossos).

A situação de opressão aliena as pessoas de si mesmas e, assim, transforma-as em seres para outrem. Supõe-se uma marginalização, como se as pessoas estivessem fora, mas elas não estão fora, elas são invisibilizadas. O impostor é o sistema que pretende, que força uma alienação de si mesma para que se possa pertencer a um outro. “E é, precisamente, quando – às grandes majorias – se proíbe o direito de participarem como sujeitos da história, que elas se encontram dominadas e alienadas” (FREIRE, 1977, p. 152).

Em relação à história como disciplina, é na maioria das vezes esse outro que oprime, invisibiliza, subalterniza, marginaliza que aparece como sujeito histórico.

Esse contexto precisa ser trabalhado na história. Entrar numa máquina do tempo e cair em um passado longínquo sem ligação com a historicidade dos educandos e educandas, além de ser enfadonho para eles e elas, ainda é alienante. Para sair desta cilada, a história precisa partir não apenas do local de origem, da realidade das pessoas, mas do próprio “*corpo molhado de história*” (FREIRE, 2019; FREIRE; FAUNDEZ, 1985).

Como Ana Maria Freire (2015, p. 292) coloca: “[...] Paulo entendeu que o diálogo deveria começar dentro de seu próprio corpo, dele com ele mesmo, enquanto ser que sentia e que pensava procurando atingir o máximo possível a coerência, a tolerância e o respeito [...]”. E assim o é com sua pedagogia.

O corpo humano, velho ou moço, gordo ou magro, não importa de que cor, o corpo consciente, que olha as estrelas, é o corpo que escreve, é o corpo que fala, é o corpo que luta, é o corpo que ama, que odeia, é o corpo que sofre, é o corpo que morre, é o corpo que vive! (FREIRE; FAUNDEZ, 1985, p. 15).

De acordo com Figueredo (2015, p.122-123), para Freire a importância do corpo era indiscutível, pois é o corpo que atua no mundo. Ele não pensava, entretanto, apenas no corpo individualizado, mas ele pensava em um corpo gestado socialmente.

Em outro sentido, a educação deve configurar-se como um processo apaixonado de conhecer o corpo, o movimento, as emoções, para que ao conhecê-los, possam estabelecer-se novas relações com o próprio corpo, com as pessoas e com o mundo, para romper as amarras da “alegria de viver” como Freire (1993, p. 63), que nos faz um convite: “É minha entrega à alegria de viver, sem que esconda a existência de razões para a tristeza” (FIGUEREDO, 2015, p. 123).<sup>9</sup>

O nosso corpo é o nosso primeiro lugar de acontecimento na história, então como não partir do próprio *corpo molhado de história*, marcado de história, para compreendê-la? Como não partir do nosso contexto de existência, como sujeitos históricos, para entender qualquer história neste planeta? Portanto, o ponto inicial de qualquer pergunta em história só se dá a partir da compreensão da nossa historicidade, enquanto corpos sujeitos/produtos de e da história.

A condição de opressão precisa ser ponto de partida também. Opressão nas suas mais variadas formas: como corpo “índio”<sup>10</sup>, como corpo negro, como corpo mulher, como corpo LGBTQIA+, como corpo trabalhador, como corpo escravizado, como corpo colonizado... Todas essas condições de opressão sobre os corpos são opressões construídas na história. Então como fazer história sem partir do próprio corpo, se todo corpo é corpo historiado?

Como afirmou Michel de Certeau (2002, p.9-10) em relação ao poder de nomear do colonizador, em relação à América:

---

<sup>9</sup> *En otro sentido, la educación debe configurarse como un proceso apasionado de conocer el cuerpo, el movimiento, las emociones, para que al conocerlos, puedan establecerse nuevas relaciones con el propio cuerpo, con las personas y con el mundo, para romper las amarras en la “alegría de vivir” como Freire (1993, p. 63), que nos hace una invitación: “Es mi entrega a la alegría de vivir, sin que esconda la existencia de razones para la tristeza”.*

<sup>10</sup> Colocamos a palavra “índio” propositalmente visto que ela carrega uma carga de preconceito e homogeneização características daqueles que tentaram escrever e inscrever no corpo do outro a sua própria história, como coloca Michel de Certeau (2002, p. 9) em relação à “escrita conquistadora.

[...] o que assim se disfarça é uma colonização do corpo pelo discurso de poder. É a *escrita conquistadora*. Utilizará o Novo Mundo como uma página em branco (selvagem) para nela escrever o querer ocidental. Transforma o espaço do outro num campo de expansão para um sistema de produção [...].

Nossos corpos são, todos, lugar de escrita e história conquistadora: como *latino-americanes*, como trabalhadoras e trabalhadores, como mulheres, como indígenas, como negras e negros, como LGBTQIA+, somos a maioria e não a minoria como ainda insistem em dizer. Oprimides, subjugades, invisibilizadas, subalternizadas de alguma forma, pela conquista, por um sistema de escravização, pelo patriarcado, pelo capital etc. Sendo assim, toda história tem que partir desse lugar de história, o corpo, para compreensão de qualquer historicidade.

Para algumas perspectivas teóricas, as palavras “oprimidos”, “subjugados”, “invisibilizados”, “subalternizados”, dentre outras, dão a errada noção de falta de agenciamento das pessoas e grupos. Estes termos não realçariam as negociações, adaptações, “bricolagens”, traduções e outros tantos conceitos que prezam pela ação de pessoas e grupos mesmo sob condição de dominações diversas. Entretanto, “oprimides”, “subjugades”, “invisibilizadas”, “subalternizadas”, são mais do que adjetivações que se imprimem sobre pessoas e grupos, são verbos, não são condição dessas pessoas, as empregamos com valor de ação. Há uma ação de oprimir, subjugar, de invisibilizar e de subalternizar, e essa ação não pode ser escamoteada, ao contrário, quem é oprimida, oprimido ou oprime só pode se libertar se se tornar consciente de que existe uma ação de opressão.

Com o uso do conceito de oprimido e afins, não diminuimos a agência histórica daqueles que são oprimides, invisibilizadas, subalternizadas, pois somente com a consciência da realidade destas palavras é que se pode investir na transformação das relações sociais que causam a opressão. Analisar as adaptações e negociações utilizadas pelos povos indígenas sem o enfoque no embate desigual, injusto e violento a que foram submetidos, por exemplo, é encobrir o processo histórico de conquista, colonização e imperialismo que acontece até hoje.

O próprio Paulo Freire fala das “manhas” (1992, p.28) dos oprimidos, que podemos aproximar daquilo que Certeau (2008, p.100-101) chama de “tática”:

[...] A tática não tem por lugar senão o do outro [...] a tática é movimento ‘dentro do campo de visão do inimigo’, como dizia Büllow, e no espaço por ele controlado. [...] Ela opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as “ocasiões” e delas depende [...] Consegue estar onde ninguém espera. É astúcia.

Em suma, a tática é a arte do fraco [...].

Ariano Suassuna em “O Auto da Compadecida” diz que “a esperteza é a arma do pobre”; E o cacique Tremembé João Venança<sup>11</sup>, chama de “drible” nos colonizadores, esta capacidade de, dentro do sistema, jogar, nas regras do outro, e fazer o gol, mesmo muitas vezes não ganhando a partida.

As “manhas”, os “dribles”, a “esperteza”, as “táticas” das pessoas oprimidas são posturas políticas. Política dentro do campo de opressão; dentro do campo de violência; dentro do campo de subalternização e tentativa de marginalização<sup>12</sup>. Essa ação política, precisa ser analisada enquanto tal, porém sem mitigar a luta e a resistência: falar em adaptação e negociação sem salientar a opressão e a violência diminui o papel agenciador de sujeitos históricos.

A luta é uma categoria histórica e social. Tem, portanto, historicidade. Muda de tempo-espaço a tempo-espaço. A luta não nega a possibilidade de acordos, de acertos entre as partes antagônicas. Em outras palavras, os acertos e acordos fazem parte da luta, como categoria histórica e não metafísica (FREIRE, 1992, p. 21).

Não só a luta tem historicidade como a historicidade é feita de luta. Se a história é “um tempo de possibilidades” (idem, p. 20, 52, 73), a humanidade, constituída de seres historicamente situados, também não está acabada, e é justamente a consciência desse “inacabamento” que possibilita o SER MAIS. Ao se reconhecer como ser inacabado histórica

---

<sup>11</sup> Informação oral repetida por diversas vezes em nossos caminhares junto ao Povo Tremembé.

<sup>12</sup> É apenas uma tentativa de marginalização, porque mesmo à margem das instancias de poder, de decisão, de consumo, de trabalho etc., as pessoas não estão à margem da sociedade, elas fazem parte da sociedade, na exploração, na violência, no abandono...

e socialmente, é que a “gente”, como diz Freire (idem, p. 52-53), se percebe em construção, em construção no mundo e com o mundo: “[...] minha presença no mundo não é a de quem nele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas *objeto*, mas sujeito também da história” (idem, p. 53, grifos do autor).

É dessa forma que a concepção de história freireana altera também o presente e o passado e não apenas o futuro. Altera-se o passado na sua escrita da história e se empodera o presente enquanto momento único onde se pode transformar a realidade.

A partir do momento que as gentes passam a dizer a sua palavra, reivindicam que seja dita a sua história. No momento que as gentes se entendem como sujeitos históricos, querem se ver na história, então, assim, aparece a história das mulheres, a história das trabalhadoras e trabalhadores, a história dos povos indígenas e dos povos pretos (que são aquelas feitas por eles próprios).

Ora, a história marxista, a história de baixo, a história cultural, e tantos outros giros na história, não nascem somente da mente de historiadores, nascem de uma pressão dos movimentos sociais. Nascem das demandas daqueles que dizem a sua história. Sem as lutas trabalhistas, Marx não pensaria seu materialismo histórico; sem a luta feminista, não se faria a história das mulheres; sem as revoluções camponesas não se pensaria na riqueza cultural e política das massas; sem o movimento negro e suas demandas antirracistas, não se buscaria o protagonismo negro na história; e assim é com toda história crítica. É assim com toda ciência, é assim com toda conquista. Como coloca a Juíza Raquel Domingues do Amaral (2020) sobre os direitos:

Sabem do que são feitos os direitos, meus jovens?  
Sentem o seu cheiro?  
Os direitos são feitos de suor, de sangue, de carne humana apodrecida nos campos de batalha, queimada em fogueiras!  
Quando abro a Constituição no artigo quinto, além dos signos, dos enunciados vertidos em linguagem jurídica, sinto cheiro de sangue velho!  
Vejo cabeças rolando de guilhotinas, jovens mutilados, mulheres ardendo nas chamas das fogueiras! Ouço o grito enlouquecido dos empalados.  
Deparo-me com crianças famintas, enrijecidas por invernos rigorosos, falecidas às portas das fábricas com os estômagos vazios!

Sufoco-me nas chaminés dos Campos de concentração, expelindo cinzas humanas!  
Vejo africanos convulsionando nos porões dos navios negreiros.  
Ouço o gemido das mulheres indígenas violentadas.  
Os direitos são feitos de fluido vital!  
Pra se fazer o direito mais elementar, a liberdade,  
gastou-se séculos e milhares de vidas foram tragadas, foram moídas na máquina de se fazer direitos, a revolução!

A história, o direito, a medicina, a educação, as ciências em geral têm cheiro de sangue. Aprendemos que os “iluministas” pensaram as conquistas cidadãs desse mundo moderno ocidental burguês, mas não foi assim, eles apenas passaram para o papel o resultado de muito suor, sangue e lágrimas. A história é feita de “fluido vital”.

As massas, os movimentos sociais, são constantemente invisibilizados enquanto sujeitos epistemológicos. Raros são os casos em que não são tratados apenas como objetos de estudo. Mesmo quando se estuda seu protagonismo histórico, sua ação na história geralmente é analisada pelo viés cultural, pela “negociação possível”, pela reação aos abusos, como se não houvesse política, ciência, filosofia.

Ao contrário de uma perspectiva idealista da história, pensamos que é na realidade das tensões, das fricções e das lutas que nascem as demandas pelas mudanças na história, quer na história como acontecimento, quer na história como escrita, ou seja, na historiografia.

No método freireano as pessoas são historicamente alfabetizadas. A história não é apenas a disciplina, o meio, que informa as mulheres e homens sobre sua condição no mundo, ela também é o fim, o objeto de transformação.

A história libertação se realiza a partir da esperança e da luta. Segundo Freire (1992, p. 71), a “[...] esperança é um condimento indispensável à experiência histórica. Sem ela não haveria história, mas puro determinismo [...]”. Contudo, sem a luta pela transformação, a esperança torna-se inócua, por isso a pedagogia da libertação pressupõe consciência política transformadora do estar no mundo.

### 3. PARA CONCLUIR: A HISTÓRIA COMO ESPERANÇA É UMA HISTÓRIA LIBERTADORA

Quando sujeitos históricos têm a história como palavra falada, como palavra grávida de vida e de potência, como luta, eles têm a história como devenir: “[...] É o saber da história como possibilidade e não como *determinação* [...]” (FREIRE, 2019, p.74, grifos do autor). Paulo Freire criticou a visão “fatalista” da história (FREIRE, 1977; 1992; 2019), e esta é fruto de uma visão de mundo determinista ou alienada. A história como devenir nutre a esperança e, nutrindo a esperança, é uma história libertadora porque a luta pela libertação só se faz com esperança:

Nunca entendi que as classes sociais, a luta entre elas, pudessem explicar tudo, até a cor das nuvens numa terça-feira à tardinha [...]. Mas, por outro lado, hoje ainda e possivelmente por muito tempo não é possível entender a história sem as classes sociais, sem seus interesses em choque.

A luta de classes não é o motor da história mas certamente é um deles. [...] Sonhar não é apenas um ato político necessário, mas também uma conotação da forma histórico-social de estar sendo de mulheres e homens. Faz parte da natureza humana que, dentro da história, se acha em permanente processo de tornar-se.

Fazendo-se e refazendo-se no processo de fazer a história, como sujeitos e objetos, mulheres e homens, virando seres da inserção no mundo e não da pura adaptação ao mundo, terminarão por ter no sonho também um motor da história. Não há mudança sem sonho como não há sonho sem esperança (FREIRE, 1992, p. 47).

A história, por ser fruto das criações humanas, se desenvolve em “permanente devenir” (FREIRE, 1977, p. 108). Como a história é resultado da consciência dos seres humanos no mundo, como essa consciência é fruto e ao mesmo tempo berço da historicidade humana, a história só pode ser dinâmica. Essa *história devenir* freireana é a culminação da sua prática docente. Educar para transformar a realidade, educar para mudar a história, educar para libertar. Apesar de todos os empecilhos, materiais, culturais, políticos, econômicos, sociais e

ideológicos que existem, é “tarefa histórica” dos seres humanos, mudar o mundo (FREIRE, 2019, p. 53).

Estar no mundo é potência de práxis. Nós nos constituímos diante do esperar, pois, ao reconhecer nossa condição de seres inteiros, porém inconclusos, abre-se a perspectiva de se fazer. Nesse processo, tecemos, escrevemos, narramos nossa jornada. Vamos fazendo-nos história, tornando-nos história viva, cartas vivas de uma história contada que gesta a história decolonial<sup>13</sup> que aspiramos.

Uma história libertadora se faz a partir do corpo consciente de história, da consciência historiadora de ser e estar no mundo, portanto, da esperança e da capacidade de mudar esse mundo. A consciência dessa capacidade de SER MAIS, de humanizar-se é que permite sonhar e de forma ética entender que se humanizar é um processo em conjunto, é social. Assim, vem também a concepção de “amorosidade” em Paulo Freire: transformar o mundo é um ato de amor e é esse ato de amor que levará a libertação da opressão: “[...] A nova experiência de sonho se instaura, na medida mesma em que a história não se imobiliza, não morre. Pelo contrário, continua” (FREIRE, 1992, p. 47).

## REFERÊNCIAS

AMARAL, R. D. do A. Sabem do que são feitos os direitos, meus jovens? **Jornal GGN**, 28 de fev. de 2020. Disponível em: <https://jornalggn.com.br/entenda/sabem-do-que-sao-feitos-os-direitos-meus-jovens-por-raquel-domingues-do-amaral/>. Acesso em: 02/03/2020.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

---

<sup>13</sup> De acordo com Figueiredo (2010, p. 10), a colonialidade “[...] implica em uma estratégia que naturaliza, legitima, cobre com um véu de normalidade, toda uma gama de valores social e culturalmente construídos que estabelecem relações de poder impositivas, invisíveis e mesmo inconscientes que alienam e falsamente justificam o direito dos colonizadores de todos os tempos e lugares”. Uma história decolonial é aquela que desvela essa “normalidade”, que visibiliza as estruturas de dominação que existem até os dias atuais, propondo uma descolonização de saberes, de valores, de instituições, ou seja, a história decolonial propõe uma libertação das imposições não apenas políticas e econômicas, mas também culturais e epistemológicas a que foram obrigados todos os povos colonizados.

- CERTEAU, M. de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- FIGUEIREDO, J. B. de A. Colonialidade e descolonialidade: uma perspectiva eco-relacional. **Entrelugares: Revista de Sociopoética e Abordagens Afins**, v. 2, p. 1-25, 2010.
- FIGUEREIDO, M. X. B. Corpo. In: STRECK, D. (Coordinador); REDIN, E.; ZITKOSKI, J.J. (Organizadores). **Dicionário Paulo Freire**. Lima: CEAAL, 2015.p. 122-124.
- FREIRE, A. M. A. A leitura do mundo e a leitura da palavra em Paulo Freire. **Caderno Cedes**, Campinas, v. 35, n. 96, p. 291-298, maio-ago., 2015.
- FREIRE, P. A importância do ato de ler. In: FREIRE, P. FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989. (Versão digitalizada disponível em: [https://educacaointegral.org.br/wp-content/uploads/2014/10/importancia\\_ato\\_ler.pdf](https://educacaointegral.org.br/wp-content/uploads/2014/10/importancia_ato_ler.pdf). Acesso em: 20/02/2020).
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. 60 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. (Versão digitalizada disponível na Biblioteca Paulo Freire, disponível em: <https://yadi.sk/i/ZjLo9nMD3J7rU8>).
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 4.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- FREIRE, P. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho D'Água, 1997.
- FREIRE, P.; FAUNDEZ, A. **Por uma Pedagogia da Pergunta**. Rio e Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- MORETTI, C. Z. Historicidad. In: STRECK, D. (Coordinador); REDIN, E.; ZITKOSKI, J.J. (Organizadores). **Dicionário Paulo Freire**. Lima: CEAAL, 2015. p. 262-264.
- WENTZ, V. História. In: STRECK, D. (Coordinador); REDIN, E.; ZITKOSKI, J.J. (Organizadores). **Dicionário Paulo Freire**. Lima: CEAAL, 2015. p. 260-261.